



XXI SEMINÁRIO INTERMUNICIPAL DE PESQUISA
XIX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TRABALHOS ACADÊMICOS
XVI MOSTRA DE ATIVIDADES EXTENSIONISTAS E PROJETOS SOCIAIS

TEMA: SOCIEDADE, PLURALIDADE E
TOLERÂNCIA: SELFIES COTIDIANAS

2018

DISFORIA DE GÊNERO E TRANSEXUALIDADE: UMA REVISÃO DOS CONCEITOS ^a

** Leonardo Romeira Salati*

*** Elisabete Beatriz Maldaner*

RESUMO

Esta revisão narrativa tem como objetivo reunir conhecimentos teóricos acerca da disforia de gênero, visando esclarecer os conceitos que envolvem a transexualidade. O conceito “trans” remete ao campo da transexualidade, havendo inúmeras controvérsias ao longo dos estudos nesta área, pois surgiram diferentes nomenclaturas para esta condição: transexualismo, transexualidade e disforia de gênero. Os fenômenos relativos à transexualidade são expressos como “Disforia de Gênero” no DSM-5, explicando o surgimento do termo “gênero” e considerando a possibilidade de existir concomitância de disforia de gênero e transtornos biológicos de desenvolvimento sexual. A conceituação de identidade de gênero, gênero, sexo, transexualidade, transexualimos e disforia de gênero traz à tona o entendimento das questões consideradas uma patologia e o que é considerado apenas uma identificação com uma categoria diferente ao seu sexo biológico, não sendo necessariamente uma doença. A partir da discussão teórica apresentada foi possível esclarecer os conceitos que abrangem as questões relacionadas a transexualidade, diferenciando os termos que refletem as questões de identificação de gênero e a disforia de gênero.

Palavras-chave: Gênero; Disforia de gênero; Transexualidade.

INTRODUÇÃO

^a Trabalho desenvolvido na disciplina de Estágio básico III, como parte do processo avaliativo, do Curso de Psicologia da Universidade Luterana do Brasil, Campus Guaíba.

* Acadêmico da disciplina Estágio básico III do Curso de Psicologia da Universidade Luterana do Brasil, Campus Guaíba. Mail: leonardosalati@outlook.com

** Docente do Curso de Psicologia da Universidade Luterana do Brasil, Campus Guaíba, e orientador deste trabalho. Mail: maldaner@terra.com.br



XXI SEMINÁRIO INTERMUNICIPAL DE PESQUISA
XIX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TRABALHOS ACADÊMICOS
XVI MOSTRA DE ATIVIDADES EXTENSIONISTAS E PROJETOS SOCIAIS

TEMA: SOCIEDADE, PLURALIDADE E
TOLERÂNCIA: SELFIES COTIDIANAS

2018

O conceito “trans” remete ao campo da transexualidade, havendo inúmeras controvérsias ao longo dos estudos nesta área, pois surgiram diferentes nomenclaturas para esta condição: transexualismo, transexualidade e disforia de gênero (Galli, Giami, Vieira & Santos, 2013).

O primeiro termo utilizado para designar a condição de desejo de viver e ser aceito como pessoa do sexo oposto ao do nascimento foi o transexualismo, classificado como um transtorno de identidade sexual na CID-10, colocando o transexual como um doente (Benjamin, 1966, citado por Galli & cols., 2013; Organização Mundial de Saúde [OMS], 1993).

Já a transexualidade é um termo contemporâneo, que visa retirar o indivíduo transexual do lugar de doente, considerando essa condição como uma forma de expressão da sexualidade, passando a ser uma experiência identitária de conflitos com as normas de gênero. O Termo gênero refere-se ao papel público, à designação como homem ou mulher dada no nascimento (American Psychiatric Association [APA], 2014; Galli & cols., 2013).

De acordo com o DSM-5, transexual é o indivíduo que busca ou realizou uma transição social ou somática (hormônios ou cirurgia de redesignação de sexo) para o sexo biológico diferente ao de nascimento. Já o transgênero engloba um espectro amplo dos indivíduos que se identificam transitória ou permanentemente com o gênero diferente do seu gênero de nascimento (APA, 2014).

Conforme Ribeiro e Lattanzio (2017), os fenômenos relativos à transexualidade são expressos como “Disforia de Gênero” no DSM-5, explicando o surgimento do termo “gênero” e considerando a possibilidade de existir concomitância de disforia de gênero e transtornos biológicos de desenvolvimento sexual.

Disforia de gênero é descrita no DSM-5, em seu glossário de termos técnicos, como sofrimento que acompanha a incongruência entre gênero vivenciado e expresso e o gênero designado ou de nascimento (APA, 2014, p. 822).

Esta revisão narrativa tem como objetivo reunir conhecimentos teóricos acerca da disforia de gênero, visando esclarecer os conceitos que envolvem a transexualidade.



XXI SEMINÁRIO INTERMUNICIPAL DE PESQUISA
XIX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TRABALHOS ACADÊMICOS
XVI MOSTRA DE ATIVIDADES EXTENSIONISTAS E PROJETOS SOCIAIS

TEMA: SOCIEDADE, PLURALIDADE E
TOLERÂNCIA: SELFIES COTIDIANAS

2018

MÉTODO

Esta revisão de literatura narrativa utiliza como fonte de dados artigos de revistas científicas, periódicos e livros, buscados por meio físico (livros) e por indexadores como o Scielo, Pepsic, Capes e BVS. Os dados foram apresentados em forma de narrativa, dando corpo a discussão teórica acerca do assunto.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Segundo Spizzirri (2017), o distanciamento do conceito de transexualismo, categoria da CID-10 que pressupõe uma doença, promove o desvinculamento da identidade de gênero de situações essencialmente patológicas, empregando então a transexualidade a mulheres transexuais (nascido com o sexo masculino e identificado com o gênero feminino) e homens transexuais (nascido com o sexo feminino e identificado com o gênero masculino), podendo ou não apresentar disforia de gênero.

Disforia de gênero refere-se ao sofrimento que pode acompanhar a incongruência entre o gênero experimentado ou expresso e o gênero designado de uma pessoa. Embora essa incongruência não cause desconforto em todos os indivíduos, muitos acabam sofrendo se as intervenções físicas desejadas por meio de hormônios e/ou de cirurgia não estão disponíveis. O termo atual é mais descritivo do que o termo anterior transtorno de identidade de gênero, do DSM-IV, e foca a disforia como um problema clínico, e não como identidade por si própria (APA, 2014, pp. 451-452).

Os critérios diagnósticos para Disforia de gênero em crianças e Disforia de gênero em adolescentes e adultos compartilham do mesmo critério de incongruência acentuada entre o gênero experimentado/expresso e o gênero designado de uma pessoa, com duração de pelo menos seis meses, variando apenas no mínimo de sintomas manifestados. Em crianças deve ser manifestado no mínimo seis dos oito sintomas apresentados, já em adultos o mínimo é dois dos seis sintomas apresentados (APA, 2014).

Assim como no critério de incongruência, o critério B é igual para os dois tipos de Disforia, o qual refere-se que a condição deve ser estar associada a sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social, acadêmico ou em outras áreas importantes da vida dos indivíduos (APA, 2014).



XXI SEMINÁRIO INTERMUNICIPAL DE PESQUISA
XIX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TRABALHOS ACADÊMICOS
XVI MOSTRA DE ATIVIDADES EXTENSIONISTAS E PROJETOS SOCIAIS

TEMA: SOCIEDADE, PLURALIDADE E
TOLERÂNCIA: SELFIES COTIDIANAS

2018

No capítulo do DSM-5 referente a Disforia de gênero são descritos diversos conceitos e termos que estão presentes no campo do entendimento da transexualidade, ampliando sua visão sobre sexo e gênero. Sexo refere-se aos aspectos biológicos, como os cromossomos sexuais, gônadas, hormônios sexuais e genitália, já o Gênero designa o papel social, menino/menina, homem/mulher, geralmente relacionado ao sexo de nascimento (SpizzirriI, 2017).

A identidade de gênero segundo o DSM-5, refere-se a uma categoria de identidade social, sendo a identificação do indivíduo como masculino, feminino ou outra categoria. A Disforia de Gênero em termos descritivos é o descontentamento afetivo/cognitivo de um indivíduo com o gênero designado (APA, 2014).

Conforme a Val e cols. (2017), a identidade de gênero tem início entre os 2 a 3 anos de idade, sendo que, entre os 6 a 7 anos a criança tem consciência de que seu gênero permanecerá o mesmo. Na maioria das pessoas o sexo biológico e a identidade de gênero estão em conformidade, mas em alguns indivíduos existe uma incongruência entre esses fatores, causando estresse, sofrimento e desconforto. Tal discrepância é denominada de disforia de gênero.

Referente à prevalência da Disforia de Gênero em crianças e adolescentes, de acordo com Val e cols., (2017, p. 3):

Para indivíduos masculinos que se identificam femininos, a prevalência varia de 1:11.900 a 1:45.000 e para femininos que se identificam masculinos de 1:30.400 a 1:200.000.8-10 Segundo o DMS-5, a proporção entre meninos e meninas é 2:1 a 4,5:1 na infância e 1:1 a 6,1:1 na adolescência.

Segundo Lara, Abdo e Romão (2013), o atendimento do transexualismo foi autorizado pela Resolução 1.482/97 e atualizado pela Resolução CFM nº 1.955/2010/15, prevendo a avaliação do transexual por uma equipe multidisciplinar: psiquiatra, psicólogo, assistente social, endocrinologista e cirurgião. Esta equipe é responsável pela formulação diagnóstica, avaliação psiquiátrica, apoio psicológico e psicoterapia, administração/correção do uso de hormônios, avaliações de condições familiares e sociais, preparação para a cirurgia, ato cirúrgico e acompanhamentos pós-operatórios (a curto e longo prazos) (Lara, Abdo & Romão, 2013, p. 240).

DISCUSSÃO



XXI SEMINÁRIO INTERMUNICIPAL DE PESQUISA
XIX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TRABALHOS ACADÊMICOS
XVI MOSTRA DE ATIVIDADES EXTENSIONISTAS E PROJETOS SOCIAIS

TEMA: SOCIEDADE, PLURALIDADE E
TOLERÂNCIA: SELFIES COTIDIANAS

2018

A conceituação de identidade de gênero, gênero, sexo, transexualidade, transexualismo e disforia de gênero traz à tona o entendimento das questões consideradas uma patologia e o que é considerado apenas uma identificação com uma categoria diferente ao seu sexo biológico, não sendo necessariamente uma doença.

De acordo com a literatura apresentada é possível perceber a despatologização dos termos relacionados à população transexual, deixando de ser um Transtorno de Identidade para uma Disforia de Gênero, a qual não é presente em todos os indivíduos transexuais.

A Disforia de Gênero se diferencia da transexualidade ao ponto que o critério B deixa explícito que o indivíduo deve associar a condição com sofrimento ou prejuízo em diversas áreas importantes da vida, sendo a transexualidade a condição identitária do sujeito com as diferentes categorias de gênero, onde pode haver ou não sofrimento com uma possível incongruência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da discussão teórica apresentada foi possível esclarecer os conceitos que abrangem as questões relacionadas a transexualidade, diferenciando os termos que refletem as questões de identificação de gênero e a disforia de gênero. A classificação de disforia de gênero foi descrita e apresentada como um transtorno, pois um dos critérios diagnósticos é a associação de sofrimento ou prejuízo na vida do indivíduo, ficando evidente que os indivíduos transexuais podem ou não apresentar disforia de gênero.

REFERÊNCIAS (APA)

- American Psychiatric Association. (Org.). (2014) Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5 (5a ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Galli, R. A., Giami, A., Vieira, E. M., & Santos, M. A. (2013). Corpos mutantes, mulheres intrigantes: transexualidade e cirurgia de redesignação sexual. *Psic.: Teor. e Pesq.*, 29(04), 447-457. Recuperado de <http://periodicos.unb.br/index.php/revistapt/article/view/20926/14978>



XXI SEMINÁRIO INTERMUNICIPAL DE PESQUISA
XIX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TRABALHOS ACADÊMICOS
XVI MOSTRA DE ATIVIDADES EXTENSIONISTAS E PROJETOS SOCIAIS

TEMA: SOCIEDADE, PLURALIDADE E
TOLERÂNCIA: SELFIES COTIDIANAS

2018

- Lara, L. A. S., Abdo, C. H. N., & Romão, A. P. M. S. (2013). Transtornos da identidade de gênero: o que o ginecologista precisa saber sobre transexualismo. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetria*, 35(6), 239-242. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/S0100-72032013000600001>
- Lattanzio, F. F., & Ribeiro, P. C. (2017). Transexualidade, psicose e feminilidade originária: entre psicanálise e teoria feminista. *Psicologia USP*, 28(1), 72-82. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/0103-656420140085>
- SpizzirriI, G. (2017). Disforia de gênero em indivíduos transexuais adultos: aspectos clínicos e epidemiológicos. *Diagn. tratamento*; 22(1), 45-48. Recuperado de <http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-832448>
- Organização Mundial da Saúde. (Org.). (1993). Classificação de Transtornos mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas. Porto Alegre: Artmed.
- Val, A. C., Saadeh, A., Soll, B. M. B., Abdo, C., Alves, C., Cunha, C. F., . . . Marques, R. P. (2017, Junho). Guia Prático de Atualização: Disforia de Gênero. Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), Departamento Científico de Adolescência, 4. Recuperado de http://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/19706c-GP_-_Disforia_de_Genero.pdf